

JK:

TRIUNFO NA MORTE

Discurso proferido na sessão no dia 24 de agosto de 1976, do Senado Federal.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS. Pronuncia o seguinte discurso).

Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Sem preconceitos, com o espírito desarmado, o Governo devia refletir sobre o fato de ontem, o sepultamento do ex-Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Ele revelou a alma da cidade, dita desalmada, que se fundiu e confundiu com a alma da Nação Brasileira.

Sinto-me à vontade para falar; nunca pertenci à sua paróquia política. O fato, objetivo e histórico, é que o Presidente Juscelino era um exilado dentro do seu País. Não tinha poder; e pela filosofia da época, que transformou a pena política de dez anos em pena eterna, jamais poderia possuí-lo. Nem mesmo vir a ser Vereador em Diamantina.

Pois a despeito disto, o povo lhe prestou uma homenagem que só os grandes triunfadores podem receber, a eles sendo reservado. O luto oficial, decretado tardiamente, veio depois, muito depois, do luto nacional decretado pela Nação. O povo se apossou dos restos do proscrito como se fosse algo seu, que lhe pertencesse, e de que houvesse sido despojado.

As sucessivas restrições aos direitos populares parece que se condensavam no esquiço de um perseguido e provocaram a explosão dos mais nobres sentimentos populares; espontânea na sua naturalidade; majestosa na sua grandeza; disciplinada nas suas manifestações, como se fosse ou tivesse sido longamente ensaiada.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Permite V. Exa. um aparte? (Assentimento do orador.) - Nobre Senador Paulo Brossard, todos nós que temos feito pelo menos alguma incursão na História Mundial, sabemos qual a capacidade de modificação dos sentimentos de um povo, a partir de um acidente trágico ou, como no caso de Júlio César, de um assassinio. V. Exa., creio eu, — e nisto mostro uma das minhas deficiências porque não conheço precisamente a sua biografia, que é tão rica e tão sugestiva, — talvez tenha se...

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - V. Exa. se engana, é extremamente pobre.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Já disse uma vez aqui, ao seu nobre colega, Senador Leite Chaves, — e me permita repetir a V. Exa., — que a modéstia descabida é uma forma simulada de vaidade, mas no caso...

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - ...Embora V. Exa., outro dia, já tenha encerrado um brilhante artigo nos jornais do País com esta palavra, dirigindo-se a mim e referindo-se à minha vaidade, posso dizer que, no caso, a observação não tem procedência.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Eu sabia que esse meu artigo, um dia, receberia uma referência de V. Exa. Mas, considero...

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Pelo menos é referência de um leitor.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Primeiro, fico muito enriquecido com um leitor do seu porte; segundo, não sou dos que admitem que a vaidade seja, em si, condenável; depende do grau de vaidade. O *vanitas vanitatis* está no Eclesiastes. Acho que todos nós, inclusive homens públicos, temos a vaidade de exercer bem as missões que nos são confiadas, de nos desempenhar bem no papel que o povo nos atribui. Isso, acredito ser um tipo de vaidade. A vaidade, para mim, só é censurável quando ela sobreexcede, primeiro, os méritos do vaidoso; segundo, quando ela está num campo inteiramente condenável, que é o do egoísmo. Mas, quanto à vaidade, por exemplo, que tem um professor brilhante como V. Exa. o é, um Jurista notável, um dos grandes oradores desta República. Diminuir isto é uma modéstia que soa de maneira falsa. Perdoe-me que lhe diga isso.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - O assunto está se desviando um pouco, mas eu me sinto constrangido a declarar a V. Exa. que, a despeito da benignidade dos sentimentos que inspiram as suas observações e suas considerações a meu respeito, no íntimo da minha consciência, não vejo motivo para ter vaidade alguma. Seja defeito ou não, posso ter muitos, mas este, pelo menos em relação ao que V. Exa. acaba de mencionar, digo como se estivesse num confessionário: não possuo. Mas, isto já está se tornando autobiográfico.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Só não posso aceitar o tom confessional porque V. Exa. o disse de público. Mas, de qualquer modo, digo-lhe que, em vez de virtude, considero defeito, - se V. Exa. me permite. Por que negar o que V. Exa. é? A troca de quê? Se V. Exa. fosse um pregador da natureza de São Francisco de Assis, eu admitiria, mas, V. Exa. é um combativo, um homem público. Mas, não vamos nos afastar do tema central. Ora, V. Exa. disse que o Presidente Juscelino era um homem exilado no seu próprio País. Eu ia dizendo no início deste desalinhavado aparte, que V. Exa. me concede com muita honra para mim, que não sabia se na biografia de V. Exa. a sua posição em relação ao Presidente Juscelino teria sido igual à minha. Durante algum tempo o ouvi com restrições; depois...

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Não sei se V. Exa. estava no Plenário quando declarei que me sentia à vontade para falar porque jamais pertencera à sua paróquia política.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - A paróquia, no caso dele, merecia uma mitra, ou o báculo papal. Era bem mais do que a paróquia. Mas V. Exa., por exemplo, quando diz isso, me deixa à vontade, porque a figura do ex-Presidente Juscelino, no meu entender, — e tive oportunidade de declarar isso com a maior lealdade possível, no momento em que eu não perguntava a ninguém quais seriam as repercussões das palavras que eu iria ditar, — talvez tenha sido comprometida na pré-Revolução, exclusivamente, pela falta de uma palavra firme na hora em que a Nação se definia, como V. Exa. se definia. Talvez aí tenha sido, para a Revolução, o pecado mortal do ex-Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Neste Congresso, numa tribuna semelhante àquela, — porque infelizmente não é a mesma da minha chegada a esta Casa, — num só discurso que aqui fiz, antes de ser convidado para Ministro do Trabalho e Previdência Social do Presidente Costa e Silva, eu lhe fiz um elogio. Vindo nos braços da Revolução como eu vinha, eu não teria oportunidade de ser homem público nesta República se não houvesse uma Revolução de março de 1964, porque no meu Estado, o Pará, eu não entraria na vida pública, jamais, porque esbarraria nos princípios de concessões que teria que fazer, de natureza moral, para fazer vida pública. Então, aqui, eu lhe fiz um elogio pela criação de uma estrada, pelo rasgar de uma estrada que foi realmente aventureira, mas que mostrou um dos aspectos fundamentais da personalidade do Presidente; era a autoconfiança. Então, enquanto o Engenheiro Regis Bittencourt recusava-se a aceitar a missão pela responsabilidade de engenheiro que não tinha um pré-projeto organizado, o Dr. Waldir Bouhid, no momento em que o Presidente lhe perguntou: "dando-lhe o dinheiro, aceita a missão?" — talvez o Dr. Bouhid estivesse mais interessado na primeira parte da frase do que na segunda, e aceitou a missão. E o fato é que nós, tivemos uma estrada construída sem projeto. Mas isto significou para o meu povo, nobre Senador Brossard, que deveria ser uma antípoda do de V. Exa. — e não o é, graças a Deus; é apenas geograficamente, — a ruptura do insulamento em que vivíamos. O Presidente teve a coragem de ligar Brasília a Belém. E mais, no meu entender, teve a coragem de caracterizar no brasileiro, uma autoconfiança que rompia um tabu talvez derivado de uma herança colonial: o de que nós aceitávamos que somente houvesse capacidade de realizar grandes empreendimentos se houvesse um nome francês ou afrancesado, aculturado no Brasil, para a realização desses fatos. Então, acho que aí estaria uma explicação. Não tenho, neste momento, a condição de porta-voz, nem do Governo. Falo a V. Exa. eminentemente em caráter pessoal. Acho que se o ex-Presidente Juscelino — que, indiscutivelmente, foi um homem cujo saldo é altamente favorável em sua vida pública em relação aos erros que possa ter cometido, — houvesse tido uma atitude firme na pré-Revolução

de 1964, evidentemente não teria sofrido as punições da Revolução a que pertenci e pertenco, a Revolução à qual V. Exa. pertence e da qual se desaveio a partir do momento em que a sua consciência lhe indicou outro rumo. Por isso, peço a V. Exa. apenas que considere este fato, como V. Exa. diz, do tardio reconhecimento. Não foi tão tardio como se supõe. É evidente que era a primeira vez que o Governo da República — estou dando uma interpretação, insisto, eminentemente pessoal — via-se a braços com esse fato a respeito de um homem que havia sido punido por uma Revolução, que o Presidente Geisel representa, como representaram os quatro Presidentes revolucionários, no momento em que ele tinha que tomar uma decisão em relação àquele fato. Mas a família do ex-Presidente Juscelino Kubitschek recebeu a mesma informação de que inclusive as honras oficiais lhe seriam prestadas e recusou essas honras, — o que é um direito da família. Mas o Governo não faltou, mesmo correndo o risco de ser interpretado por alguns radicais como fazendo uma revisão de conceitos revolucionários.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB) - Sr. Presidente, eu não gostaria que o registro que estou a fazer, com a maior tranquilidade e com a isenção que me é possível...

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - E é possível de muito...

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - ...fosse desviado por considerações ainda que interessantes; por discussões ainda que úteis; por apreciações ainda que esclarecedoras.

Por isso mesmo, Sr. Presidente, falo hoje, neste momento, porque senti necessidade de falar. O tema que pretendia versar hoje, dizia respeito ao Acre, uma vez que nós, riograndenses, temos certa pretensão sobre aquele território; e roçaria até pelo Pará, onde também devem existir algumas regalias para os riograndenses, dado que o trabalho magistral de Rio Branco se baseou fundamentalmente na obra de Joaquim Caetano da Silva, lá do Jaguarão, obra que Rio Branco cita mais de sessenta vezes na sua *memória*. O assunto que eu pretendia versar hoje era outro, Sr. Presidente, Srs. Senadores, mas entendi de tratar deste, hoje e não amanhã; e para não dizer mais nem menos do que aquilo que me pareceu o essencial, rascunhei algumas linhas, sem sequer ter feito a sua revisão.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Permite V. Exa. um aparte?

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Ouço V. Exa.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - A fidalguia com que V. Exa. reveste suas palavras desencoraja a continuação do pedido de aparte. V. Exa. diz mesmo que ainda que os apartes sejam esclarece-

dores, ainda que eles sejam cabíveis, V. Exa. não gostaria de tê-los; e eu me senti succionado pelo verbo de V. Exa., exatamente, para tentar trazer este esclarecimento, esta informação, e me sentindo muito à vontade porque vejo em V. Exa. o companheiro dos mesmos sentimentos anteriores à Revolução de 64. Ora, quando V. Exa. diz, por exemplo, que o ex-Presidente Juscelino não poderia ser nem Vereador de Diamantina, é evidente que V. Exa. está fazendo uma frase de efeito e, evidentemente, V. Exa. provoca um homem de Governo.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Infelizmente, nobre Senador, a frase não é de efeito. Pergunto a V. Exa.: se o extinto Presidente quisesse disputar um cargo eletivo, fosse em Diamantina ou fosse em qualquer outro lugar, pela lei atual, ele poderia fazê-lo?

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - V. Exa. não há de querer uma resposta, apenas, de sim ou não; ou quererá? Porque aí há de me lembrar a estória de um famoso juiz que exigia que o réu respondesse sim ou não, até que o réu lhe disse que não poderia assim responder porque poderia formular ao Juiz esta pergunta: o Meritíssimo ainda bate em sua mulher? Se ele respondesse sim ou não estaria mal, em ambos os casos, porque num caso já bateu, no outro continuaria batendo. Eu daria a resposta a V. Exa. É evidente que o ex-Presidente Juscelino não se candidataria a Vereador por Diamantina.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Não poderia candidatar-se!

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - É evidente que um Presidente da República da qualificação de S. Exa. tinha percorrido todo o itinerário político com êxito, dos cargos que esta República possui; mas ele estava sob uma restrição de natureza revolucionária. Ninguém negou isto. Ninguém negou isto. Ele estava com o direito ativo do voto, mas não estava com o direito passivo do voto. Então, V. Exa. pode, desde logo alinhar desde Vereador de Diamantina até a própria Presidência da República.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Exato! Eu peguei a porção quantitativamente menor, a menos expressiva, a do mandato de Vereador na sua cidade natal...

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Não sei se seria a menos expressiva.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - ... porque quem não pode ser Vereador, não pode ser Deputado estadual; como não pode ser Prefeito; não pode ser Governador, não pode ser Deputado Federal; não pode ser Senador; não pode ser Presidente da República.

De modo, nobre Senador, perdoe-me V. Exa., procurei ser exato, sem deixar de ser conciso, tudo dizer em apenas uma frase.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Não. V. Exa. não foi

inverídico. É diferente do que estou dizendo. Apenas V. Exa. arquitetou uma frase de efeito, pois todos nós sentimos o problema em que o País ainda se debate em relação às restrições, com referência àquelas pessoas que receberam sanções revolucionárias. É evidente que se V. Exa. admitisse que o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira poderia ser candidato a Presidente da República, numa eleição direta, V. Exa. estaria admitindo toda uma modificação do quadro atual; não só para ele como para todas aquelas pessoas que, inclusive, ficaram quites com a justiça revolucionária. Daí por que acho que centrar o problema num homem que nós todos respeitamos, cuja memória ontem, aqui, recebeu a homenagem de todos, tanto do MDB como da ARENA, não caracteriza bem o melhor dos exemplos em relação às dificuldades por que passamos.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Sr. Presidente, vou continuar e V. Exa. há de verificar que o alcance do meu pronunciamento é e era outro; visava a outro objetivo, e não desejava, exatamente, discutir questões como esta que ensejam uma larga discussão...

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Lastimo se tirei V. Exa. do rumo do seu discurso.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - ... e que eu gostaria de discutir largamente. Mas, vou resistir e, ainda agora, não vou discutir, embora este fato tenha contribuído para mostrar a profunda metamorfose ocorrida, a grave e nociva metamorfose, a meu juízo. Disse que não ia abordar e já comecei a fazê-lo, Sr. Presidente. Mas, vou resumir tudo em uma frase, dizendo que compreendo, não aplaudo, não justifico, ou posso aplaudir e posso justificar, mas coloco-me numa posição absolutamente abstrata, para dizer que não aplaudo nem justifico um ato praticado imediatamente após ao irrompimento de um surto revolucionário. Simplesmente compreendo, não aplaudo, não justifico, não defendo, não condeno, compreendo. E, ao dizer que compreendo, desde logo adianto e concebo que terão sido praticados atos merecedores de aplauso e de estigma.

Agora, o que já não posso compreender mais é quando se tenha estabelecido que as pessoas atingidas por essa pena de natureza estritamente política, pelo prazo certo, e determinado de 10 anos, passado este tempo, continuem como precitos. Isto me revolta, isto me repugna, isto me tira a tranqüilidade da alma.

O SR. ROBERTO SATURNINO (MDB-RJ) - Permite V. Exa. um aparte?

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Permite V. Exa.?

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Sr. Presidente, encerro aqui, agora, de vez, este assunto, porque quero voltar ao meu pronunciamento, que haveria de ser, como disse, Sr. Presidente, em tom tranqüilo, quase familiar. E se a Taquígrafia tivesse caracteres para registrar a indignação

da alma o teria feito ao documentar as minhas palavras derradeiras. A minha educação jurídica, diante de uma coisa destas, faz com que a repugnância chegue ao ponto da indignação.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Antes que encerre, já que V. Exa. disse que não ia tratar — e tratou — do assunto, e como solicitou aparte a V. Exa., antes de mim, o nobre Senador Roberto Saturnino, pediria que V. Exa. me honrasse com um aparte após ouvir o colega da bancada de V. Exa.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - V. Exa. tem todas as preferências, inclusive de falar após.

Ouçõ o nobre Senador pelo Rio de Janeiro.

O SR. ROBERTO SATURNINO (MDB-RJ) - Senador Paulo Brossard, por séculos e séculos, enquanto existir a Nação brasileira, o nome de Juscelino Kubitschek há de ser lembrado e enaltecido como o Presidente que mais se identificou com a alma do seu povo. E, com base nessa identificação, construiu uma obra capaz de eliminar aquele sentimento de inferioridade, a que se referia há pouco o Senador Jarbas Passarinho, e infundir ao brasileiro um alto grau de autoconfiança. Mas, creio que V. Exa. queria ir além da prestação de uma homenagem, que é justa.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - O meu objetivo era outro.

O SR. ROBERTO SATURNINO (MDB-RJ) - Quero crer que V. Exa. queria se referir ao sentimento nacional, ao valor do sentimento nacional e à necessidade de se auscultar o que há por trás deste sentimento.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - A primeira frase do meu pronunciamento indicava isto.

O SR. ROBERTO SATURNINO (MDB-RJ) - Porque esta, realmente, a lição que se pode tirar de todos esses fatos: é que estruturas políticas, estruturas econômicas são coisas que se podem pretender reformar, transformar através de leis, mas o sentimento nacional não se reforma, não se transforma, ele existe, é um dado da realidade, e sobre ele é que se deve procurar construir a Nação, conduzir a Nação, se assim se pode dizer. Então, a necessidade de auscultar o sentimento nacional e, a partir dele, reformar as estruturas e construir alguma coisa nova, é fundamental. Parece-me que este era o núcleo central do seu discurso, daí a razão de dar este aparte com o propósito, talvez, se for o caso, de reconduzi-lo ao leito...

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Permite-me V. Exa. Parece-me que sou eu o acusado de tirá-lo do leito do seu discurso, e já que o Senador pelo Rio de Janeiro o reconduz e já que V. Exa., numa fascinante forma de desenvolver o seu estilo oratório, diz que não faz fazendo, diz que não trata tratando, e diz que fugindo do assunto nele se

adentra e se aprofunda, permita V. Exa. que eu lhe diga: primeiro, que nenhum de nós, desta bancada à sua ilharga esquerda, cometerá mais que a imprudência a injustiça de atingir a memória do ex-Presidente Juscelino Kubitschek; ninguém jamais atribuiu isto antes.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - A ninguém foi atribuído.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - De modo que ouvíamos em recolhimento, aqui, pelo nosso partido, já neste altura assim credenciado pelo Líder do Governo, a palavra carinhosa do Senador e Ministro Gustavo Capanema, que fez questão de fazer um discurso inteiramente desordenado. Em que a vaidade possível de um dos homens mais lúcidos e mais ilustres desta República cedeu diante do desejo de deixar que o coração falasse.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - E fez um discurso primoroso, se V. Exa. me permite.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Eu vi quando V. Exa. o cumprimentou à distância. E talvez tenha até tirado do nosso ilustre colega as dúvidas de que, estilisticamente, S. Exa. se tivesse saído mal. Mas, não interessava o estilo, o que interessava era o sentimento e, também, algumas frases que me pareceram realmente definitivas, quando S. Exa. salientou, por exemplo, a identidade que me parece — segundo a própria palavra do Senador Gustavo Capanema — fatal entre o destino do grande homem e a tragédia. Ora, nenhum de nós cometerá a ignomínia de insultar a memória de um homem que ainda ontem baixou à sepultura, pelos braços de seu povo, mas nenhum de nós poderá, com a responsabilidade que teve, como nós tivemos, num movimento revolucionário neste País, repito, nenhum de nós terá a covardia de renegar os seus princípios. Disse, certa vez, que o ex-Presidente foi atingido porque não teve, na pré-Revolução, no auge da pré-Revolução, uma definição clara, precisa, em relação ao destino do País, naquele instante, como V. Exa. vinha se batendo no Rio Grande do Sul, e outros de seus colegas, hoje, batendo-se em menor escala por este País inteiro. O que não denigre, de maneira alguma, a obra que o ex-Presidente Juscelino Kubitschek deixou neste País, mas o que prova, em favor da Revolução: primeiro, por ter deixado aberto este Congresso o tempo todo; segundo, pela oportunidade de deixar que V. Exa. faça o discurso que está fazendo, chamando a atenção da consciência nacional; diferente, por exemplo, de uma revolução portuguesa que, imediatamente, fez em 25 anos o mínimo de cassação dos mandatos políticos dos seus grandes vultos daquela história. Então, o que se passa aqui não é a condenação do ex-Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, mas sim o reparo a estas declarações que V. Exa. pretendeu fazer, como disse, tão familiarmente, dando a idéia de que a faria sem polêmica, quando declara que o Governo tardiamente se associou a estas demonstrações. Este Governo é basicamente revolucionário; era a primeira vez que enfrentava o caso de uma prestação pública de tributo a um homem que a própria Revolução houvera punido. E ele tinha que levar em consideração que o ato que ele tomasse deveria ser julgado ambivalentemente, por alguns que julgariam

que aquilo significaria uma revisão de conceito e até podiam se voltar contra o Governo, exatamente na base de sustentação deste Governo, e por aqueles que, como o povo brasileiro, esperavam uma palavra do governante. Por isso eu lhe disse que não falei como Vice-Líder, falei como seu companheiro de Congresso, para pedir a V. Exa. que essa expressão "demonstração tardia" não ficasse sem um reparo. É provável que V. Exa. tivesse tomado uma atitude no primeiro minuto, se fosse Presidente da República, mas também não é justo que V. Exa. condene aqueles que levaram algum tempo, pesando entre os prós e os contras de uma homenagem que deviam prestar e que acabaram achando que era devida. A mim basta que a homenagem tenha sido prestada e que tenha sido recusada pela família do ex-Presidente.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Sr. Presidente, mais uma vez deploro que a minha oração tivesse tomado rumos tão imprevistos para mim. Mas, vou retornar aos seus termos, não podendo fazê-lo, entretanto, sem dizer duas palavras, em razão do aparte do nobre Senador, que dando explicações...

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Pessoais.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - ... acerca da punição do ex-Presidente deu explicações que não foram solicitadas, pelo menos por mim, nem estava nas proximidades do debate, mas entendeu de dá-las. S. Exa., então aludiu àqueles que defenderam os ideais da Revolução e que continuam defendendo a chamada Revolução, e àqueles que, como não tenho bem presente a palavra, não vou repetir com fidelidade...

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Aqueles que dela se desavieram, que é o caso de V. Exa.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Não gosto de falar em mim, Sr. Presidente.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Não. Apenas lembrei o que havia dito.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Mas, chamado assim a debate, devo dizer que a desavença decorreu da minha fidelidade aos ideais, pelos quais eu aceitara o movimento insurrecional.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Conhecemos o ponto de vista de V. Exa.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Mais fácil seria aceitar tudo que veio depois, e eu preferi resistir...

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Talvez fosse mais difícil do que V. Exa. supõe.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Preferi resistir para ser fiel,

continuando a ser apenas e tão-somente o mesmo homem.

Não gostaria de tomar um outro rumo na minha intervenção, mas já que foi posta tanta ênfase no grave problema com que o Governo, se encontrava, pela primeira vez, em face da morte do ex-Presidente Juscelino Kubitschek, eu poderia dizer, e agora, realmente, vou dizer para que nos Anais da Casa o fato histórico que testemunhei fique registrado: o Presidente Magalhães Pinto, que entre os chamados revolucionários tem o primeiro lugar, não teve muitas dúvidas, na manhã de ontem. Perdoe-me, Sr. Presidente, se desvendo um fato que V. Exa. na sua modéstia preferisse ver silenciado. Não tinha eu a intenção de trazê-lo ao Plenário, mas posso dizer aqui que testemunhei a sua tranquilidade, a sua serenidade e a sua decisão quando, como Presidente do Senado, sendo uma das mais eminentes personalidades da chamada Revolução, não hesitou em ser nobre e ser grande, e determinou aos seus funcionários que baixassem a bandeira brasileira a meio-pau, em sinal de luto.

O SR. PETRÔNIO PORTELA (ARENA-PI) - Permite V. Exa. um aparte?

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - E quando, depois de meio-dia desta Casa sai pude ver duas bandeiras do Brasil em posição de luto: aquela que fica à frente do Senado e aquela que está à frente da Câmara. Em compensação, as outras, aquelas que estão ali à frente dos Ministérios, estavam no topo do mastro, assim como a outra que fica para lá, na sede do Poder Executivo, e que tive o cuidado de observar.

Peço que não seja constrangido a outra vez sair do leito do meu pronunciamento, por atalhos que podem ser, como reconheço, de toda utilidade, mas que neste momento, pelo menos, eu não gostaria de versar. Não posso negar o aparte ao Líder do Governo.

O SR. PETRÔNIO PORTELA (ARENA-PI) - Sr. Senador, V. Exa. como sempre com o brilhantismo habitual, tangencia os fatos e não raro os deforma. É muito fácil fazer comparação, sobretudo quando os homens e as coisas são desiguais, as situações inteiramente diferenciadas. O Senador Magalhães Pinto é, inegavelmente, uma figura extraordinária da nossa vida pública, e foi, em verdade, quem no mundo civil deflagrou o processo revolucionário. Mas S. Exa., no momento, não tem as rédeas do poder revolucionário nas mãos, S. Exa. não encarna exatamente a opinião do sistema revolucionário e, por conseguinte, as suas ações não têm a amplitude que teriam as ações daqueles que detêm o poder.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Muito bem.

O SR. PETRÔNIO PORTELA (ARENA-PI) - As conseqüências são inteiramente diferentes. Até porque o ato de S. Exa. era meramente formal e até, poderia dizer, um ato de natureza pessoal, porque não decretamos luto oficial. A bandeira a meio pau significa um luto

oficialmente declarado.

E, àquela altura, tal não houvera. Entretanto, S. Exa., amigo pessoal do Presidente Juscelino Kubitschek, e reconhecedor dos seus méritos de homem público...

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Perdão.

O SR. PETRÔNIO PORTELA (ARENA-PI) - ... tomou a iniciativa de se antecipar, em relação...

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Perdão, nobre Senador.

É claro, o fato de não concordar com o seu aparte não me obriga a contestá-lo item por item, frase por frase, mas, neste ponto, quer-me parecer de tal gravidade o que V. Exa. declara que requeiro licença para dizer que, neste ponto, V. Exa. não pode dizer o que disse. O Presidente do Senado pode ter as relações de amizade mais profundas com uma pessoa, com muitas pessoas ilustres, e não pode externar o seu pesar pessoal fazendo que a Bandeira Nacional, situada à frente do Senado, portanto a Bandeira do Senado, fique a meio pau, testemunhando os seus sentimentos pessoais.

O SR. PETRÔNIO PORTELA (ARENA-PI) - V. Exa. uma vez mais claudica, não obstante o seu brilhantismo. Eu não disse que foi simplesmente por ser amigo pessoal. Eu disse, amigo pessoal, reconhecedor dos méritos incontestáveis do Presidente. V. Exa. não separou as frases, para delas tirar proveito.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Nunca será uma homenagem pessoal. Não pode ser.

O SR. PETRÔNIO PORTELA (ARENA-PI) - V. Exa. não pode abstrair-se do conteúdo pessoal em todo ato humano. Se o faz, V. Exa. se desumaniza, com toda essa frieza, que sempre achei fosse um dote tribunicio seu, mas, já agora estou sabendo que é uma glacialidade desumana.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Sou extremamente grato a sua gentileza...

O SR. PETRÔNIO PORTELA (ARENA-PI) - Mas V. Exa. me interrompeu o aparte e praticamente, eu perdi o fio dele, vou tentar reconstituir.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Peço a V. Exa. ultime o aparte, para que eu possa retomar o meu pobre discurso.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Não apoiado, quanto ao pobre.

O SR. PETRÔNIO PORTELLA (ARENA-PI) - Simplesmente as preocupações de um homem de Estado, que tem que medir as conseqüências do seu ato, a ambivalência — como bem acentuou o Senador Jarbas Passarinho — de um ato que se prestaria, necessariamente, a outras interpretações, requereriam meditado exame, acurado estudo, para que, ao lado da justiça que se impunha, equívocos não perdurassem. Foi isso o que aconteceu. Houve ato de grandeza do Governo — nobreza e grandeza que faço questão de aqui assinalar — olvidando o antagonismo entre o ilustre morto e a Revolução, prestando-lhe a homenagem devida no momento em que se traumatizava a opinião pública brasileira.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Permite V. Exa. um aparte, em aditamento, nobre Senador? (Assentimento do orador). Sei que V. Exa. está ávido de recolher-se ao leito do seu discurso. Mas, a esta altura tenho a impressão de que o seu discurso saltou do leito e está inundando as margens...

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - E transbordou...

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - ... e dentro delas que nos devemos bater. Tenho o maior respeito pela decisão que ontem tomou o eminente Presidente desta Casa, mas reconheço, com o nobre Líder, que o grau de responsabilidade do eminente Senador Magalhães Pinto — na decisão que tomou, sem a ninguém pedir que a ele se associasse nessa responsabilidade — era limitado, limitado às atribuições de S. Exa. O nobre colega, o Senador Mauro Benevides, o Senador Gustavo Capanema e eu, em seguida, rasgamos o Regimento, na hora em que assinamos o requerimento, e a assinatura de V. Exa. lá se encontrava antes da minha.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Em terceiro lugar.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - A sua em terceiro lugar, e a minha, em quarto ou em quinto. E o Regimento é muito claro: o requerimento de levantamento da sessão, por motivo de pesar, só é permitido em caso de falecimento do Presidente da República, do Vice-Presidente da República, ou de Membro do Congresso Nacional. Em nenhum desses casos estava situado o ex-Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Entretanto, tivemos, nós todos, ARENA e MDB, a coragem, nos limites das nossas atribuições, de infringir, inclusive, o Regulamento e assinar documento dessa natureza, também assinado pelo Líder do Governo. Portanto, veja o ilustre colega que a única coisa que reclamamos de V. Exa. é que não se diminua o gesto de grandeza que o Governo teve. Seria mais fácil talvez para V. Exa., dissociado hoje que está das hostes iniciais, mas não seria tão fácil para aqueles que tomaram a decisão, num momento que significava, como disse, o perigo de até sermos acusados de estar fazendo revisionismo de natureza histórica. Sinto-me bem em ter rompido o Regimento na companhia de V. Exa., que é um jurista.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Sr. Presidente no que me toca, dou ambas as mãos à palmatória do nobre Senador Jarbas Passarinho.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Eu não a uso.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Aliás, colho a oportunidade para confessar a minha pouca informação em matéria regimental.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Apesar de ser V. Exa. colega de Bancada do Senador Dirceu Cardoso.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - No entanto, sinto-me na obrigação, em face da censura que à Presidência se continha no aparte do nobre Senador Jarbas Passarinho...

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Perdão. Censura, não. Elogiei a ação.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - ... de contestar que o Presidente a ninguém tenha ouvido. Posso afirmar, como testemunha, que o Presidente ouviu dois Senadores: um, da maior qualificação; outro, notoriamente despojado de qualificações.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - V. Exa. me permite? (Assentimento do orador)

Gostaria de substituir "ouvir" por "submeter". S. Exa. não submeteu, ouviu. Não se submeteu à decisão alheia. Ouviu, com a decisão que S. Exa. teve e a capacidade de tomá-la por si próprio. Nisto, concordo plenamente com V. Exa.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Apenas digo isto: o nobre Presidente Magalhães Pinto talvez já estivesse, e acredito que sim, com a decisão tomada, mas só fez cumpri-la depois de ouvir dois Senadores: um da ARENA, outro do MDB.

O SR. PETRÔNIO PORTELLA (ARENA-PI) - Permite V. Exa. um aparte?

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Um, eminente por todos os títulos; o outro, despojado de títulos. Quando ao seu gabinete chegou o Senador Mauro Benevides, a decisão já fora tomada e executada.

Se disse isto, foi apenas para completar um fato histórico, do qual poucas pessoas foram testemunhas.

Sr. Presidente, peço licença para prosseguir meu pronunciamento, e quase devo recomeçá-lo a fim de que ele possa ser melhor compreendido...

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - O Acre e o Rio Grande do Sul se encontram.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - ... para que a Casa, agora enriquecida por novas figuras, verifique o cuidado que tive em colocar o problema, mas não vou ter o mau gosto de voltar sobre as minhas próprias palavras. Conto com a benevolência do Senado, e vou prosseguir, Sr. Presidente, depois do longo caminho percorrido.

O povo se apossou dos restos do proscrito, como se fosse algo seu, que lhe pertencesse e de que houvesse sido despojado. As sucessivas restrições dos direitos e prerrogativas populares parece se condensaram no esquite de um perseguido e provocaram a explosão dos mais nobres sentimentos populares, espontâneos na sua naturalidade, majestosos na sua grandeza, e disciplinados nas suas manifestações, como se fora algo longamente ensaiado.

O que a mim impressionou, de maneira particular, foi a coexistência de dois sentimentos, presentes em todo o acontecimento — o pesar profundo conjugado a uma alegria virginal. A um tempo, a lágrima e o canto. A dor pungente que abate, e um frêmito festivo de vida, como se algo novo estivesse a nascer, ainda molhado das águas do dilúvio e perturbado pela luz do Sol, que visse pela primeira vez.

O ritmo foi menos de luto, que de triunfo. Lágrimas e aplausos. Os cantos religiosos entrecortados por palmas festivas no meio da missa, interrompendo a cerimônia religiosa.

A nota triunfal acabou por dominar a nota de tristeza. O que deveria ser um lamento se converteu em hino.

Isso me impressionou de forma singular e marcante.

Daí porque, Sr. Presidente - E tão impressionado fiquei, Sr. Presidente, que entendi de hoje — não amanhã — ocupar esta tribuna, que é a única coisa que posso fazer, e perguntar: esse fato não será capaz de abrir os olhos dos que governam e mostrar que a Nação não pode ficar eternamente dividida entre vencedores e vencidos e que é tempo de promover aquilo que já deveria ter sido feito: a reconciliação nacional, sob as inspirações do patriotismo de que é abundante este País? Serão tão pequenos os problemas do Brasil que se pode dar ao luxo de estar dividido em duas porções? Ou é tempo de serem convocados os grandes nomes nacionais, que se vão tornando mais raros, que se vão tornando mais escassos, já porque a lei da morte vai levando muitos deles, já porque muitos valores que poderiam honrar a seara política dela se tenham afastado e se vão afastando, porque ela tem sido mais sujeita a terremotos e tempestades, que são hostis ao nascimento, à formação, à provação da vida pública, e que, por isso mesmo, vai-se depauperando ao longo dos tempos?

Pergunto, então, Sr. Presidente, se esse fato não serve para mostrar que é tempo de, num ambiente de conciliação, honrado e responsável, convocar homens responsáveis e honrados para o grande trabalho de reconstrução deste País...

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Permite V. Exa. um aparte?

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - ... cujas dificuldades já não deixam de ser reconhecidas, já não é tempo de se substituir a soberba — que tão facilmente acompanha o poder, pela modéstia — que é precursora da glória, e buscar um caminho em que todos pudessem reunir-se e superar o divórcio estabelecido entre as energias nacionais?

Esta, a pergunta que eu me fiz, esta é a pergunta que entendi de fazer ao Senado, à Nação e ao Governo, se é que a pobre voz de um Senador oposicionista tem a virtude de chegar até lá, e se é capaz de ser ouvida e analisada, aceita ou rejeitada, pouco importa, mas ouvida e analisada como a de alguém que se sente em condições de falar com qualquer pessoa, transmitindo não apenas os seus sentimentos, o que seria nada, mas aquilo que ele sente, percebe e conclui que sejam os sentimentos da sua terra e da sua gente.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Permite V. Exa. um aparte? (assentimento do orador). Nobre Senador, V. Exa. naturalmente já tem a resposta, quando fez a pergunta, já a conhecia previamente, até porque, de tudo que existe de tradição histórica neste País, nada me sugere que a divisão seja o melhor e o mais desejável por qualquer governo. V. Exa., cuja vida já permitiu que visse passar ou desfilar diante de seus olhos, que já aprendesse, a tantos quantos, numa variação entre a mais típica ditadura até o momento em que se supunha estar a democracia totalmente consolidada neste País, V. Exa. conhece que entre civis, como entre militares, a tendência para o apaziguamento, para a fraternidade, para o conagraçamento, é uma tônica marcante da História do Brasil. Honro-me, da minha origem...

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - E dela, creio que não me equivoco em dizer que o militar e o político — porque foi militar e político; foi comandante de exércitos e foi membro desta Casa; foi Ministro de Estado e foi presidente do Gabinete — o Duque de Caxias...

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Luís Alves de Lima e Silva.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) ... Talvez, como nenhum vulto da nossa história, por tantas vezes e em tantas oportunidades, tenha sido o veículo desta concepção, o portador destes sentimentos, o mensageiro desta bandeira. Ele que chegou a dizer que sua espada não tinha partido; ele que chegou ao meu Estado, Rio Grande do Sul, não apenas dividido pela Guerra Civil, mas dividido do Império desde a Proclamação da

República, e soube tratar os guerreiros rio-grandenses como irmãos, não como inimigos; que, para fazer a paz, concedeu credenciais diplomáticas ao Embaixador da República de Piratini, Antonio Vicente da Fontoura, para vir, ele, um rebelde, à Corte discutir a paz com os imperiais, que teve esta grandeza. Ele que foi ao Rio Grande, que ao Rio Grande chegou, levando na mão as armas, para lutar, e o decreto de anistia, para pacificar.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - V. Exa. me interrompeu o aparte precisamente no ponto em que eu dizia honrar-me das minhas origens.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - E tem motivo para isto.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) ... e chegaria precisamente à figura a que V. Exa. acaba de se referir. O mesmo que, na biografia do Cônego Pinto, teve a mão ocupada, sem cansar-se, no Maranhão, ao assinar 3000 atos de anistia. O mesmo que dizia, entretanto, não negociar com adversários enquanto de armas na mão estivessem. V. Exa., aqui mesmo, fez a referência à Farroupilha...

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - A Farroupilha.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Exceção do comportamento de Caxias, mas exceção jogada no brio gaúcho de David Canabarro e de seus companheiros. Na verdade, V. Exa., que citou Caxias, neste instante, deveria lembrar-se também de uma das passagens que mais me intrigaram ao longo da vida dele. Aquela em que ele fica com o Batalhão do Imperador, ao lado do Imperador, pela fidelidade à Lei e à Ordem, contra seu próprio pai, rebelde. O que não sei se eu faria, e não sei se V. Exa. também o faria...

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - 1831

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - ... Esse espírito, portanto, da Lei e da Ordem, prevalecendo sobre a desordem, me dá o embaçamento, de que me honra muito, da origem de que provém. Mas, V. Exa., ainda há pouco, disse que não gostaria fosse seu discurso marcado por polêmica. Mas as palavras de V. Exa. são polêmicas, quando V. Exa. descreve o morto de ontem como perseguido de anteontem. Foi a expressão de V. Exa. e elas feriram-me os ouvidos. E me lembrou alguma coisa como Soljenitzin ...

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Realmente!

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - ... lembrou de alguma coisa como um perseguido dos estados totalitários, que não pode ter se quer o direito de expressar sua própria opinião e de receber um Premio Nobel de Literatura. E V. Exa. colocou no mesmo nível pela palavra que utilizou...

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Não. Absolutamente não! E aqui V. Exa. está estabelecendo um paralelo entre duas realidades absolutamente heterogêneas.

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - Eu gostaria tranquilamente de receber a lição de V. Exa. do que é perseguido e do que não é perseguido. Ainda há pouco, tive oportunidade de conviver com o ex-Presidente, uma única vez. Fui vê-lo pela mão amiga do Deputado Renato Azeredo. Fui vê-lo num rasgo que é próprio da minha personalidade, no momento em que a Academia Brasileira de Letras negava-lhe, por um só voto, o acesso àquela Casa. E o Presidente da Academia Brasileira de Letras a qual pertence, por convite dele, que é Pereira Lyra, Ministro ligado também à Revolução, achou de oferecer a Sua Excelência, o ex-Presidente da República, uma espécie de desagravo através de um convite para pertencer à Academia Brasileira de Letras que, se tem na verdade homens de pouca recomendação intelectual, como o apartante de agora...

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Não apoiado!

O SR. JARBAS PASSARINHO (ARENA-PA) - ...tem outros notáveis membros da Academia Brasileira de Letras entre os seus membros perpétuos. Pois bem. Conversei quase uma hora com o ex-Presidente Juscelino e devo dizer a V. Exa., nobre Senador, que me entristece V. Exa. o tenha adjetivado desse modo. Notei no homem, na grandeza e na cintilação que via nos seus olhos, o homem que não era o revanchista, o homem que se associava às conquistas atuais porque percebia que elas eram o prolongamento daquela semente que ele plantara, mas não fora o primeiro. Em nenhum momento pude colher de Sua Excelência, diante de um homem responsável por uma parcela da Revolução Brasileira como fui, a idéia sequer de que ele se considerava constrangido na minha companhia, entre um perseguidor e um perseguido. Por isso me feriu a palavra que V. Exa. utiliza na hora em que o homenageia e homenageia-lhe a memória, com o que todos estamos de acordo, menos com a adjetivação, que me parece entrar pela janela do mérito.

O SR. PAULO BROSSARD (MDB-RS) - Lamento, Sr. Presidente, e lamento profundamente ter causado tristeza, pelo emprego do vocábulo *perseguido*, ao nobre Senador Jarbas Passarinho, mas se tivesse de compor outra vez a frase, ainda que advertido da má ressonância que ela teve no espírito do brilhante parlamentar, do eminente Senador, eu não a substituiria, porque não teria outra para melhor definir, retratar a realidade, tal como a vejo.

O que o nobre Senador Jarbas Passarinho disse é incontestável e eu mesmo que não pretendia dizer aqui, agora, porque menos estou interessado em retratar a personalidade do extinto, do que em fazer algumas reflexões em torno de um fato relacionado com seu sepultamento, eu, para que dúvidas não parem, quero dizer que, conhecendo-o apenas à distância, se tivesse de sublinhar as linhas dominantes de sua individualidade, eu diria que o extinto brasileiro era marcado pela tolerância e pela ausência de ódios e ressentimentos no coração.

De modo que não estranho, de forma alguma, o depoimento que traz, à Casa, o nobre Senador Jarbas Passarinho e este traço, aliás, ainda ontem foi acentuado por um amigo seu, de 40 anos, o nobre Senador Gustavo Capanema.

Com estas palavras, Sr. Presidente, creio que posso encaminhar-me para o fim.

Não faltará alguém que diga que a Revolução não homenageia proscritos. Mas o fato de ontem mostrou que a generosidade, a tolerância, a bondade, continuam a ser as virtudes maiores da gente brasileira. E, mais, são virtudes que devem ser cultivadas e, nunca, desprezadas e, jamais banidas e hostilizadas.

O velho Machado de Assis já observava que o imprevisto é uma espécie de Deus avulso que, às vezes, tem voto decisivo na assembléia dos acontecimentos.

O imprevisto que ocorreu, o imprevisto que coroou de triunfo o proscrito de ontem, doloroso e pungente imprevisto, não terá a virtude de tocar a sensibilidade dos que governam, talvez mais preocupados e absorvidos com a gravidade dos problemas econômicos que encham de nuvens negras os horizontes próximos do País, não terá a virtude de lembrar-lhes que a bravura não exclui a clemência e que a firmeza, não exclui a tolerância?

Faz 15 anos, Sr. Presidente, que um muro sinistro divide Berlim de Berlim, digo isso, porque eu vi e, só depois de ver, fui capaz de sentir o que aquilo representava.

Tinha lido muito sobre o Muro de Berlim e para mim era algo acima do meu entendimento. Eu não podia entender como um muro dividisse uma cidade. Mas, lá, tanto vendo o muro, como vendo as cruzes que, lugubramente, bordavam aquele paredão terrível, que mais parecia uma contribuição do inferno do que uma criação humana, só depois que vi, é que pude compreender aquilo que, até hoje e creio que até o instante final da minha vida, vai me causar horror.

Pois bem, Sr. Presidente, que produziu aquele muro que divide Berlim de Berlim? Que trouxe de bom, de vantajoso, de útil para aquela gente? Que contribuição significou para a humanidade? Também nós vamos manter um muro, felizmente diferente daquele, mas um muro a dividir eternamente os brasileiros? Ou já é hora, ou já é tempo de lembrarem-se todos que todos têm iguais deveres e devem ter direitos iguais na sua terra? Não sei se estou sendo lírico, não sei se estou dominado por uma aura de pieguice. Mas, Sr. Presidente, os meus sentimentos são esses. Devo dizer que não são de agora. Vejam os governantes, refletindo sobre o episódio de ontem: onde estão e quais são os sentimentos do povo brasileiro.

(Muito bem! Palmas. O orador é cumprimentado)